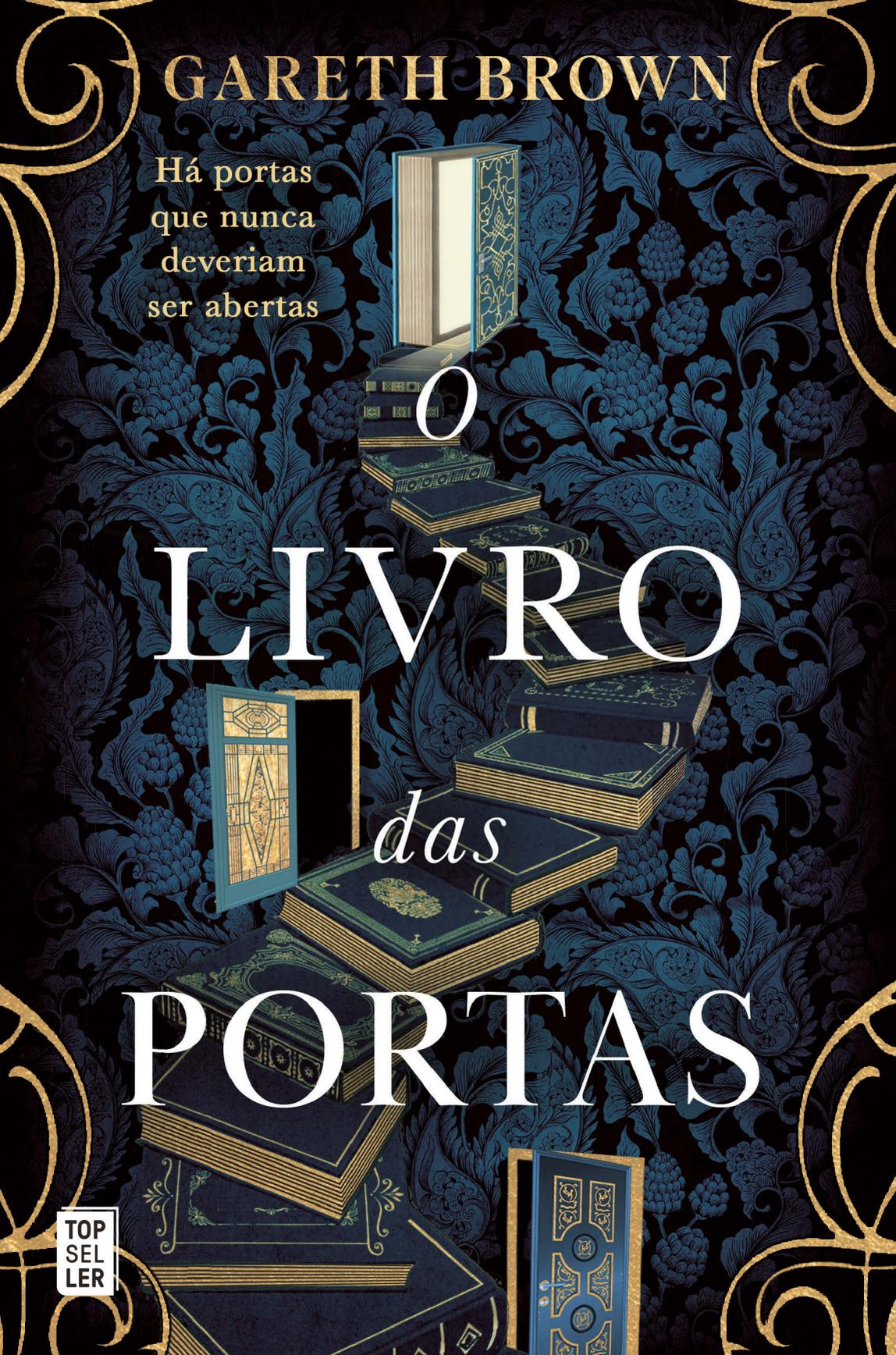


GARETH BROWN

Há portas  
que nunca  
deveriam  
ser abertas



O  
LIVRO  
*das*  
PORTAS

TOP  
SEL  
LER

*Dedicado à minha mulher, May, por todas as memórias  
que já criámos e pelas aventuras que ainda estão para vir.  
(NMINOO! VWDDR!)*

# ÍNDICE

## *Primeira Parte*

PASSAGENS

7

## *Segunda Parte*

MEMÓRIAS

123

## *Terceira Parte*

ECOS NO PASSADO

243

## *Quarta Parte*

UMA DANÇA NUM LUGAR ESQUECIDO

293

## *Quinta Parte*

O NADA E O LUGAR NENHUM

347

## *Sexta Parte*

UM PLANO EM CINCO PARTES

355

## *Sétima Parte*

INÍCIOS E FINS

445

*Primeira Parte*

# PASSAGENS

## A MORTE TRANQUILA DO SR. WEBBER

**N**a Kellner Books, no Upper East Side de Nova Iorque, alguns minutos antes da sua morte, John Webber lia *O Conde de Monte Cristo*. Estava sentado na sua mesa habitual, no centro da loja, com o sobretudo bem dobrado sobre as costas da cadeira e o romance em cima da mesa à sua frente. Parou por momentos para beber um gole de café, fechando o livro e assinalando o local onde ficara com um marcador de pele macia.

— Como está, Sr. Webber? — perguntou Cassie, atravessando a loja com uma pilha de livros debaixo do braço. Já era tarde e o Sr. Webber era o único cliente.

— Oh, estou velho, cansado e a cair aos bocados — respondeu ele, como sempre fazia quando Cassie lhe perguntava como estava. — De resto, não me posso queixar.

O Sr. Webber era um rosto habitual na livraria e um dos clientes com quem Cassie se esforçava sempre por conversar. Ele era um cavalheiro, falava baixinho e estava sempre bem vestido com roupas que aparentavam ser caras. A sua idade notava-se na pele enrugada das mãos e do pescoço, mas não na pele lisa do rosto nem na farta cabeleira branca. Cassie sabia que ele se sentia só, ainda que parecesse viver bem com isso, sem nunca impor a sua solidão aos outros.

— Estou a ler *O Conde de Monte Cristo* — confidenciou ele, acenando com a cabeça para o livro. O marcador estava espetado na direção de Cassie como a língua de uma cobra. — Já o tinha lido, mas

à medida que vou ficando mais velho, tenho encontrado conforto em reler alguns dos meus preferidos. É como passar tempo com velhos amigos. — Soltou uma risada autodepreciativa para indicar a Cassie que sabia que estava a ser tonto. — Já o leu?

— Já li, sim — respondeu Cassie, aconchegando a pilha de livros debaixo do braço. — Acho que o li quando tinha 10 anos. — Vieram-lhe à memória longos dias de chuva num fim de semana de outono, quando *O Conde de Monte Cristo*, como tantos outros livros, a tinha levado para longe.

— Não me lembro de ter 10 anos — murmurou o Sr. Webber com um sorriso. — Acho que nasci já de meia-idade e com um fato vestido. O que é que achou quando o leu?

— É um clássico, claro — respondeu Cassie. — Mas a parte do meio, toda aquela secção em Roma... achei demasiado longa. Eu queria sempre chegar à parte da vingança no final.

O Sr. Webber anuiu com a cabeça.

— Ele faz-nos esperar pelo desfecho, lá isso faz.

— Hum — concordou Cassie.

O momento expandiu-se e o silêncio foi preenchido pelo *jazz* suave que saía dos altifalantes na parede.

— Já alguma vez foi a Roma? — perguntou o Sr. Webber, esfregando as mãos como se estivessem frias. Cassie sabia que ele tinha sido pianista e compositor antes de se reformar e que tinha o tipo de dedos compridos e delicados que dançariam facilmente num teclado.

— Sim, já fui a Roma — respondeu Cassie. — Não me lembro de muita coisa. — Ela tinha passado uma semana em Roma anos antes, quando viajara pela Europa, e lembrava-se bem, mas queria deixar o Sr. Webber falar. Ele era um homem cheio de histórias de uma vida bem vivida; um homem que possuía mais histórias do que pessoas a quem as contar.

— Adorei Roma — disse ele, recostando-se descontraidamente na cadeira. — De todos os sítios por onde viajei... e viajei muito... Roma foi um dos meus preferidos. Quando passeamos naquela cidade conseguimos visualizar como teria sido há quinhentos anos.

— Hum — murmurou Cassie, percebendo que a atenção do Sr. Webber se desviara para as suas memórias. Ele parecia feliz lá.

— Sabe, fiquei num pequeno hotel perto da Fonte de Trevi — disse ele, subitamente tomado por uma recordação. — E levavam-me café à cama todas as manhãs, quer eu quisesse, quer não. Sete da manhã em ponto. Uma batida rápida na porta e depois a velhota que geria a casa irrompia por ali adentro, pousava à bruta o café na mesa de cabeceira e saía outra vez. Na primeira manhã, estava no meio do quarto, prestes a vestir-me, quando ela entrou de rompante, com o café na mão. Olhou-me de cima a baixo, manifestamente pouco impressionada com o que viu, e voltou a sair. — Ele riu-se da sua memória. — Ela viu-me na minha... *plenitude*.

— Oh, meu Deus! — exclamou Cassie, rindo-se com ele.

Ele estudou-a enquanto ela se ria, tirando uma conclusão.

— Já lhe tinha contado isto, não tinha?

— Não — mentiu ela. — Não me parece.

— Estraga-me com mimos, Cassie. Tornei-me uma daquelas pessoas velhas que aborrecem os jovens com as suas histórias.

— Uma boa história é igualmente boa da segunda vez — argumentou ela.

Ele abanou a cabeça, como se estivesse aborrecido consigo próprio.

— Ainda viaja, Sr. Webber? — perguntou Cassie, afastando-o do seu aborrecimento.

— Oh, agora nunca vou a lado nenhum. Estou demasiado velho e demasiado fraco. Duvido que sobrevivesse a um voo longo. — Aperitou as mãos sobre o estômago e ficou a olhar para a mesa, perdido naquele pensamento.

— Isso é um bocadinho mórbido — comentou Cassie.

— Realista — disse ele, a sorrir. Depois olhou para ela com seriedade. — É importante sermos realistas. A vida é como um comboio que vai ficando cada vez mais rápido e quanto mais cedo percebermos isso, melhor. Estou a dirigir-me velozmente para a última paragem; tenho consciência disso. Mas já vivi a minha vida e não me queixo. No entanto, os jovens como a Cassie... vocês têm de sair e ver o mundo

enquanto podem. Há tanto para ver para lá destas quatro paredes. Não deixe o mundo passar-lhe ao lado.

— Já vi muita coisa, Sr. Webber, não se preocupe com isso — replicou Cassie, pouco à vontade agora que a conversa se virara para si. Ela apontou com a cabeça para os livros que tinha debaixo do braço. — Deixe-me levar isto para as traseiras antes que o meu braço caia.

Ela passou pelo balcão do café — agora encerrado, após o expediente — e dirigiu-se para a caverna sem janelas repleta de caixas e cacifos dos funcionários na sala das traseiras. Depositou os livros em cima da secretária desarrumada para que a Sra. K. tratasse deles no dia seguinte, quando abrisse a loja.

— Cassie, eu não estava a tentar dizer-lhe como deve viver a sua vida — disse o Sr. Webber, com uma expressão séria, quando ela reapareceu. — Espero não a ter insultado.

— Insultar-me? — perguntou Cassie, genuinamente intrigada. — Não seja tonto. Nem voltei a pensar nisso.

— Bem, o que eu quero dizer, na verdade, é que, por favor, não deixe a Sra. Kellner saber que eu estava a sugerir a possibilidade de abandoná-la a ela e à sua livraria.

— Ela bania-o para o resto da vida — disse Cassie, a sorrir. — Mas não se preocupe. Não vou dizer nada. E não vou a lado nenhum tão cedo.

Enquanto levantava as canecas e os pratos das mesas, Cassie olhou em redor da loja, o local onde trabalhava desde que chegara a Nova Iorque, seis anos antes. Era tudo o que uma livraria devia ser: tinha prateleiras e mesas cheias de livros, música suave sempre a tocar e luzes que pendiam de cabos do teto alto, criando pontos bem iluminados e sombras aconchegantes. Havia cadeiras confortáveis nos cantos e entre as estantes, e obras de arte dissonantes nas paredes. O espaço não era pintado havia dez anos e as estantes tinham sido compradas, provavelmente, nos anos sessenta, mas parecia tudo adequadamente desgastado em vez de degradado. Era um local confortável, daqueles em que nos sentimos à vontade assim que atravessamos a porta pela primeira vez.

Ela acenou com a cabeça para a chávena de café do Sr. Webber.

— Quer uma última dose antes de eu fechar?

— Já bebi mais do que suficiente — disse ele, abanando a cabeça.

— Vou andar para cima e para baixo como um elevador toda a noite a caminho da casa de banho.

Cassie fez uma careta, entre o divertida e o enojada.

— Ofereço-lhe uma janela para a vida de uma pessoa idosa — disse o Sr. Webber, sem se desculpar. — É um prazer constante. Agora, dê-me alguns minutos para reunir as minhas forças e depois desamparo-lhe a loja.

— Demore o tempo que quiser. É muito bom ter companhia ao fim do dia.

— Sim — concordou o Sr. Webber, olhando para a mesa, com a mão pousada na capa do seu livro. — Sim, é verdade. — Ele ergueu o olhar e sorriu para ela timidamente. Cassie deu-lhe uma palmadinha no ombro quando passou por ele. Na frente da loja, a grande mostra espalhava uma luz suave na noite, uma lareira na sala escura da cidade, e quando Cassie se empoleirou no seu banco, viu que estava a começar a nevar, os flocos caíam em espirais como grãos de poeira através da névoa de luz.

— Que bonito — murmurou ela, encantada.

Ela observou a neve durante algum tempo, à medida que se foi tornando mais forte e os edifícios do outro lado da rua se transformavam num *puzzle* de janelas iluminadas e apagadas. Os transeuntes levantavam os capuzes e baixavam a cabeça para fazer face àquela investida, e os clientes do pequeno restaurante de *sushi* mesmo em frente à Kellner Books olhavam para o tempo com pauzinhos na mão e preocupação nos rostos.

— O melhor lugar para desfrutar de uma noite de tempestade é numa sala quente com um livro ao colo — disse Cassie para si própria. Sorriu com tristeza, porque essas palavras lhe haviam sido ditas por uma pessoa de quem sentia saudades.

Olhou de relance para o relógio de parede e viu que estava na hora de fechar a porta. Na sua mesa, o Sr. Webber estava sentado com

a cabeça estranhamente inclinada para o lado, como alguém que julga ter ouvido chamar pelo seu nome. Cassie franziu o sobrolho e um dedo de inquietação cutucou-lhe o âmago.

— Sr. Webber? — perguntou ela, descendo do banco.

Cassie atravessou rapidamente a loja, ouvindo as notas de *jazz* ao fundo que chocavam com o seu súbito desconforto. Quando pôs a mão no ombro do Sr. Webber, ele não respondeu. Tinha a expressão fixa, os olhos abertos e sem vida e os lábios ligeiramente afastados.

— Sr. Webber? — tentou novamente, embora soubesse que era inútil.

Cassie conhecia o aspeto da morte. Da primeira vez que vira a morte, muitos anos antes, ela roubara-lhe o homem que a tinha criado e a única família que havia conhecido. Agora, a morte voltara a aparecer e, desta vez, tinha levado um homem simpático que ela mal conhecia, enquanto estava distraída com a neve.

— Oh, Sr. Webber — disse ela, enquanto a tristeza crescia dentro de si.

Os paramédicos chegaram primeiro, entrando na loja com espalhafato e sacudindo a neve das roupas e dos cabelos. Vinham enérgicos, como se houvesse uma hipótese de salvar o Sr. Webber, mas assim que o viram, toda a urgência se desvaneceu.

— Ele já foi — disse-lhe um deles, e os três ficaram num silêncio constrangedor, como estranhos numa festa. O Sr. Webber olhava para o nada a meia distância com olhos vidrados.

Depois, chegou a polícia, um jovem e um homem mais velho, e ambos lhe fizeram perguntas enquanto os paramédicos levantavam o Sr. Webber da cadeira e o prendiam a uma maca.

— Ele vem à tarde, duas ou três vezes por semana — explicou-lhes ela. — Mesmo antes de o balcão do café fechar ao fim do dia. Pede uma bebida e depois senta-se ali a ler o seu livro até eu fechar a loja.

O polícia jovem parecia aborrecido, de pé com as mãos nas ancas e a observar os paramédicos enquanto trabalhavam.

— Provavelmente sentia-se sozinho — disse ele.

— Ele gosta de livros — disse Cassie, e o polícia olhou para ela. — Às vezes, falamos sobre livros que já lemos, livros que ele está a ler. Ele gosta dos clássicos. — Ela percebeu que estava a tagarelar, mesmo enquanto as palavras continuavam a sair dos seus lábios. Cruzou os braços para se conter. Havia qualquer coisa na polícia que a deixava constrangida, dolorosamente consciente do mais pequeno gesto.

— Certo — disse o polícia, observando-a com uma indiferença profissional.

— Acho que ele gostava de conversar consigo, minha senhora — disse o polícia mais velho, e Cassie pensou que ele estava a tentar ser simpático. Ele estava a revistar o conteúdo da carteira do Sr. Webber, à procura de uma morada ou de um parente. Cassie achou o procedimento estranhamente obsceno, como remexer na gaveta da roupa interior de alguém.

— Não há nada como uma menina bonita para dar a um velhote algo por que ansiar — disse o polícia mais novo, com um sorriso malicioso a roçar-lhe o canto da boca. O polícia mais velho abanou a cabeça em sinal de reprovação, sem levantar os olhos da carteira do Sr. Webber.

— Não era nada disso — ripostou Cassie com brusquidão, as suas palavras afiadas com irritação. — Ele era apenas um homem simpático. Não transforme isto numa coisa que não era.

O polícia jovem anuiu com a cabeça, numa espécie de pedido de desculpas, mas não tentou esconder o olhar carregado que lançou ao colega. Dirigiu-se à porta para a segurar para os paramédicos passarem.

— Aqui está — disse o polícia mais velho, tirando a carta de condução do Sr. Webber. — Apartamento 4, número 300, East 94<sup>th</sup> Street. Belo bairro. — Voltou a enfiar a carta de condução na carteira e fechou-a. — Nós avisamos se precisarmos de mais alguma informação — disse ele a Cassie. — Mas ligue-nos se se lembrar de alguma coisa.

Entregou-lhe um cartão de visita da Polícia de Nova Iorque com um número de telefone.

— Tipo o quê? — perguntou Cassie.

O polícia encolheu os ombros.

— Qualquer coisa que precisemos de saber.

Cassie assentiu como se aquela fosse uma boa resposta, embora não tivesse sido.

— E a família dele?

— Nós tratamos disso — assegurou o polícia mais velho.

— Se ele tiver família — acrescentou o polícia mais novo, à espera junto à porta. Ele queria ir-se embora, reparou Cassie; isto era aborrecido para ele, e ela odiava-o por isso. O Sr. Webber merecia mais. Toda a gente merecia mais.

— Vai ficar bem, menina? — perguntou-lhe o polícia mais velho. Tudo no homem parecia cansado, mas ele continuava a fazer o seu trabalho, e a fazê-lo melhor do que o seu parceiro mais jovem.

— Sim — respondeu Cassie, franzindo o sobrolho com irritação. — É claro que sim.

Ele observou-a por alguns instantes.

— Olhe, às vezes, as pessoas simplesmente morrem — disse ele, esforçando-se por dizer algo consolador. — É assim mesmo.

Cassie anuiu com a cabeça. Ela sabia. Por vezes, as pessoas simplesmente morriam.

Cassie ficou parada na parte da frente da loja a vê-los partir, primeiro a ambulância e depois o carro da polícia. O seu próprio reflexo era um fantasma na montra — a rapariga alta e desajeitada vestida com roupas em segunda mão: uma velha camisola de lã com gola redonda e calças de ganga azul puídas nos joelhos.

— Adeus, Sr. Webber — disse ela, arregaçando distraidamente as mangas da camisola até aos cotovelos.

Disse a si própria para não ficar triste — o Sr. Webber era velho e tinha morrido em paz e rapidamente, ao que parecia, num lugar que lhe trazia alegria —, mas a sua tristeza era teimosa, uma nota grave e constante que ressoava no fundo dos seus pensamentos.

Pegou no telefone e ligou para casa da Sra. Kellner.

— Morto? — perguntou a Sra. Kellner, quando Cassie lhe contou o que tinha acontecido. A palavra foi uma bala disparada de uma arma, um estrondo rápido e agudo.

Cassie esperou e ouviu um suspiro longo e cansado.

— Pobre Sr. Webber — lamentou a Sra. Kellner, e Cassie conseguiu ouvi-la a abanar a cabeça. — Mas há maneiras piores de morrer. Certamente o Sr. Webber pensaria assim. Como é que estás, Cassie?

A pergunta surpreendeu Cassie, como sempre acontecia quando alguém lhe perguntava como é que ela estava.

— Oh, estou bem — mentiu, descartando o assunto. — Só estou chocada, acho eu.

— Hum, pois... Acontece-nos a todos, e o Sr. Webber já tinha uma boa idade. É triste, mas não é razão para ficares deprimida, estás a ouvir?

— Sim, senhora — aquiesceu Cassie, de bom grado, aos conselhos amáveis da Sra. Kellner.

— Agora, fecha tudo e vai para casa. Está um nevão lá fora e não quero que apanhes hipotermia. Isto é uma instrução, não um pedido.

Cassie deu as boas-noites à Sra. Kellner e pôs-se a arrumar tudo, perguntando-se até que ponto os Kellners conheciam o Sr. Webber. Eles pareciam conhecer a maioria das pessoas que ia à loja regularmente. Não que o Sr. Kellner ainda soubesse muita coisa, já que a demência lhe tinha roubado a memória há alguns anos. A mente de Cassie vagueou, tentando lembrar-se de quando o Sr. Kellner tinha estado na loja pela última vez. Tinham passado anos, disse ela tinha a certeza. Agora, a Sra. Kellner mal falava do marido.

Quando Cassie varreu o chão à volta das mesas de café, à volta do lugar do Sr. Webber, viu que o seu exemplar d'*O Conde de Monte Cristo* ainda se encontrava em cima da mesa, junto à chávena de café quase vazia. A visão do livro atingiu-a como um murro no estômago, como se o Sr. Webber tivesse sido levado sem o seu bem mais precioso. Depois, viu outro livro ao lado, um livro mais pequeno com uma capa de pele castanha, desbotada e gretada como tinta envelhecida numa

porta. Cassie não tinha reparado no livro antes — nem quando o Sr. Webber chegara, nem durante toda a atividade com os paramédicos e os polícias. Como lhe teria passado despercebido?

Encostou a vassoura ao ombro e pegou no livro. Sentiu-o estranhamente leve, como se fosse mais insubstancial do que devia. A lombada de pele soltou um rangido agradável quando ela o abriu. As páginas eram grossas e ásperas e estavam cobertas com o que parecia ser um texto rabiscado a tinta escura, mas numa língua e numa letra que Cassie não reconheceu. Ao folhear o livro, Cassie reparou igualmente nuns esboços de desenhos, alguns espalhados pelo texto, outros a ocuparem páginas inteiras. Parecia uma espécie de diário, um local onde alguém tinha reunido os seus pensamentos ao longo de muitos anos, mas de forma caótica. O texto não seguia numa única direção; ia para cima e para baixo, atravessava a página e enrolava-se à volta de imagens.

Na primeira página do livro, Cassie viu algumas linhas escritas com a mesma caligrafia do texto de todas as outras páginas, mas em inglês:

*Este é o Livro das Portas.*

*Se o mantiveres na mão, qualquer porta poderá ser uma porta qualquer*

Por baixo dessas linhas, havia outra mensagem, escrita numa letra obviamente diferente. Cassie arquejou, sobressaltada, quando viu que se tratava de uma dedicatória:

*Cassie, este livro é para si, um presente de agradecimento pela sua amabilidade.*

*Espero que goste dos lugares aonde a vai levar e dos amigos que lá irá encontrar.*

*John Webber*

Cassie franziu o sobrolho, surpreendida e tocada pelo presente. Voltou a folhear as páginas, parando a cerca de um terço, onde uma

única página acomodava o esboço de uma porta com a respetiva ombreira. O desenho fora feito a tinta preta simples; a porta estava escancarada e, através da abertura, via-se o que parecia ser um quarto na escuridão, com uma janela na parede oposta. Para lá dessa janela, havia uma luz solar intensa e um céu azul resplandecente, além das muitas cores de flores primaveris a desabrochar entre o verde-vivo da relva. Tudo estava desenhado a preto, exceto a vista da janela, que se encontrava gloriosamente colorida.

Cassie fechou o livro, acariciando a pele gretada.

Teria ela sido assim tão amável com o Sr. Webber? Tencionaria ele dar-lhe o livro naquela noite? Talvez o tivesse tirado do bolso enquanto ela estava distraída com a neve, pouco antes de morrer?

Durante algum tempo, ficou a pensar no que fazer, perguntando-se se deveria chamar a polícia e contar-lhes sobre o livro, sobre ambos os livros. Ela já conseguia praticamente ver o polícia mais novo a revirar os olhos: *O caderno de um maluquinho que ele lhe queria dar...?*

— Estúpida — murmurou para si própria.

O Sr. Webber queria que ela ficasse com ele. Ela aceitá-lo-ia como recordação do homem simpático que, muitas vezes, lhe fazia companhia ao fim do dia. E levaria também o seu exemplar d'*O Conde de Monte Cristo*, certificando-se de que ia para um bom lar.

Quando saiu da loja, pouco depois, embrulhada no seu velho sobretudo cinzento, cachecol e gorro com pompom cor de vinho, as rajadas cortantes de vento feriram-na, mas ela não reparou, tão distraída estava com o conteúdo do estranho caderno. Após alguns passos, parou debaixo de um candeeiro de rua e tirou o caderno do bolso, sem se dar conta da figura que a observava nas sombras, oculta numa porta do outro lado da rua.

Voltou a folhear as páginas: mais texto, linhas aparentemente desenhadas ao acaso, como se as páginas pudessem ser retiradas do caderno e reunidas numa ordem diferente para revelar um desígnio grandioso e secreto. Mesmo no meio do caderno, ela viu que uma centena ou mais de portas tinham sido desenhadas em filas ordenadas ao longo das duas páginas, cada uma delas ligeiramente diferente

em formato, tamanho ou características, tão variadas como as portas de qualquer rua. Era estranho, mas bonito, enigmático e convidativo, e Cassie só queria debruçar-se sobre as páginas e sonhar com quem quer que fosse que tivesse passado tantas horas a rabiscar o livro. Parecia-lhe um tesouro, aquele livro, um mistério para lhe ocupar a mente.

Limpou os flocos de neve das páginas e voltou a enfiar o livro no bolso, depois pôs-se a caminho pelas ruas silenciosas, em direção ao metro, a três quarteirões de distância, com os pensamentos cheios de imagens e palavras estranhas rabiscadas a tinta preta.

A figura parada na entrada de um edifício não a seguiu.

## O JOGO DO PREFERIDO

Quando Cassie chegou a casa, pegou no exemplar d'*O Conde de Monte Cristo* do Sr. Webber e encontrou um lugar para ele entre os livros de bolso na estante ao fundo da sua cama.

A estante era um mapa da sua vida: os livros que devorara em criança, os livros que comprara ou lhe tinham ido parar às mãos nas suas viagens pela Europa, os livros que lera e guardara desde que vivia em Nova Iorque. O seu próprio exemplar muito folheado d'*O Conde de Monte Cristo* encontrava-se ali, um velho livro de bolso que pertencera originalmente ao seu avô. Cassie lembrava-se de o ter lido no estúdio do avô, em Myrtle Creek, aninhada num pufe a um canto, enquanto ele trabalhava, com o aroma a madeira e a óleo no ar, enquanto a chuva forte batia no chão lá fora. Tirou o livro da prateleira e folheou as páginas, captando o fantasma de um aroma que fez com que o seu coração encolhesse com as memórias e emoções que evocava, a satisfação e o conforto daqueles dias da sua infância.

Voltou a pôr o livro no lugar e despiu a camisola velha para a atirar para a pilha da roupa suja. Viu o seu reflexo no espelho na parte de trás da porta e olhou para si própria de forma desapaixonada. Ficava sempre um pouco desiludida quando se via em reflexos ou fotografias. Aos seus olhos, era demasiado alta e demasiado magra. Achava que as ancas eram demasiado estreitas e o peito demasiado plano, e os olhos eram grandes e esbugalhados, como os de um veado assustado. Não usava maquilhagem, porque nunca tinha aprendido a fazê-lo, e o seu

cabelo louro estava sempre a esvoaçar em várias direções, por mais que o penteasse.

— Então, já chegaste? — gritou Izzy, da sala de estar.

— Sim — respondeu ela.

Cassie abriu a porta do quarto, afastando o seu reflexo, e dirigiu-se à sala, onde encontrou Izzy de pernas cruzadas no sofá, vestida para ir para a cama com uma t-shirt enorme e calças de pijama.

— Como é que foi a cena do trabalho? — perguntou Cassie.

— Deve ter corrido bem, já que estás em casa e de pijama.

Izzy revirou os olhos com aborrecimento.

— Fomos a uns quantos sítios. Dois tipos tentaram engatar-nos no último bar onde estivemos. Um tipo grandalhão tentou usar o seu charme em mim. Ele era horrível. Todo musculado e monocelha. Sugeriu que fôssemos juntos até Times Square para vermos as luzes.

— Ena! — disse Cassie.

— É, não é? — concordou Izzy. — Quem é que quer ir a Times Square? As únicas pessoas interessadas em Times Square são os turistas e os terroristas.

Cassie sorriu, apreciando o som da voz da amiga e a distração da sua tristeza persistente. A viagem para casa, numa carruagem de metro vazia e através de ruas cobertas de neve, tinha sido longa e solitária.

— Eu disse-lhe isso — continuou Izzy, enquanto Cassie se juntava a ela no sofá. — Ninguém quer saber de Times Square, exceto os turistas e os terroristas. Ele ficou todo ofendido, como se eu tivesse dito algo horrível. — Ela fez uma careta, e disse, então, num tom mais grave: — *Isso é mesmo de mau gosto; tu sabes que os terroristas matam pessoas.*

— Isso é muito especial — disse Cassie, com um sorriso de orelha a orelha.

— Estragou um pouco o ambiente, por isso demos a noite por terminada. Também tive sorte. — Ela anuiu com a cabeça para a janela, onde a neve continuava a cair.

Izzy trabalhava no departamento de joalharia do Bloomingdale's e, de duas em duas semanas, ia para os copos com as colegas depois do trabalho. O seu mundo girava em torno de produtos caros, pessoas

ricas e turistas de olhos arregalados. Era um mundo que Cassie não compreendia e que não lhe dizia nada, mas Izzy adorava o seu trabalho. Em tempos, ambicionara ser atriz. Mudara-se da Florida para Nova Iorque quando era adolescente, com o sonho de cantar e atuar na Broadway. Quando se conheceram, Izzy trabalhava na Kellner Books enquanto fazia audições e atuava em teatros minúsculos. Depois de alguns anos sem chegar a lado nenhum, desistira do seu sonho.

«Consegues pensar em algo pior?», perguntara ela a Cassie, numa noite em que tinham ido beber uns copos no bar do terraço do Library Hotel. «Ter 30 e poucos anos e ver todas aquelas jovens belíssimas entrarem nas mesmas audições que tu, olhando para ti exatamente como eu olho para todas as mulheres mais velhas agora? O mundo tem um número infinito de mulheres bonitas, Cassie. Há sempre uma mais nova, uma mais jovem que quer aparecer. Não sou suficientemente boa enquanto atriz a ponto de a minha aparência não importar.»

Cassie e Izzy tinham trabalhado juntas na Kellner Books durante mais de um ano e tinham-se tornado amigas quase de imediato. Eram pessoas muito diferentes, com interesses distintos, mas, de alguma forma, sempre se tinham dado bem. Era uma amizade natural e fácil, do tipo que surge do nada e muda a vida de uma pessoa. Quando Cassie começou a procurar um apartamento para arrendar, Izzy sugeriu que tentassem encontrar uma casa juntas para poupar nos custos. Desde então, partilhavam um apartamento de dois quartos num terceiro andar, em Lower Manhattan. O apartamento ficava na orla de Little Italy, por cima de uma loja de *cheesecakes* e de uma lavandaria. Era frio no inverno e quente no verão e, devido às subdivisões do senhorio, nenhum dos quartos tinha a forma ou o tamanho certos, e nenhum dos móveis encaixava onde devia. Mas funcionava para elas, e tinham continuado a viver juntas mesmo depois de Izzy ter deixado a livraria para trabalhar no Bloomingdale's. Izzy geralmente trabalhava durante o dia, enquanto Cassie preferia trabalhar no turno da noite e aos fins de semana. Por isso, havia fases em que não se viam durante vários dias seguidos, mas isso só evitava que se metessem no caminho uma da outra e que a convivência estragasse

a amizade. A cada três ou quatro dias, os seus caminhos cruzavam-se e Izzy fazia um rápido resumo de todos os acontecimentos da sua vida, enquanto Cassie a ouvia. E depois, quando o fluxo de consciência de Izzy se esgotava, ela olhava para Cassie com uma expressão maternal e perguntava: «E tu, como estás, Cassie? O que se passa no teu mundo?»

Izzy olhava para ela agora com aquela expressão no rosto, o cabelo preso numa confusão de caracóis. Era uma mulher bonita, com maçãs do rosto salientes e grandes olhos castanhos. Era o tipo de mulher que os grandes armazéns gostavam de ter atrás dos seus balcões, o tipo de mulher que poderia ter sido uma estrela de cinema se soubesse representar. Cassie sentia-se banal em comparação com ela, mas Izzy nunca fizera nada para que ela se sentisse assim. Esse facto dizia tudo sobre o tipo de pessoa que Izzy era.

— O que se passa no meu mundo? — antecipou-se Cassie.

— O que se passa no teu mundo?

— Nada — respondeu Cassie. — Pouca coisa.

— Vá lá — disse Izzy, descruzando as pernas e levantando-se de um salto para ir até à bancada da cozinha. — Deixa-me ir buscar-te uma caneca de vinho toda finória e podes contar-me o teu nada e pouca coisa.

Izzy ligou o candeeiro de pé atrás da porta, espalhando uma luz suave pelas paredes.

— O Sr. Webber morreu hoje — disse Cassie. Ela baixou o olhar, percebendo que ainda tinha na mão o livro que ele lhe havia dado. A sua intenção era tê-lo deixado na estante do quarto.

— Oh, meu Deus, isso é horrível — exclamou Izzy. — Quem é o Sr. Webber?

— É só um velhote — disse Cassie. — Ele vem à loja de vez em quando. Bebe um café e lê.

— Meu Deus, está tanto frio. O que é que se passa com este tempo? — murmurou Izzy, fechando a porta do corredor enquanto voltava para o sofá e entregava uma caneca a Cassie. Não bebiam vinho em copos, não em casa.

— Acho que ele era apenas solitário. E gostava da livraria.

— Então, o que é que aconteceu? — perguntou Izzy, servindo o vinho. — Tropeçou e caiu ou qualquer coisa do género? O meu tio Michael morreu assim. Caiu, partiu a anca e não se conseguiu levantar. Morreu no chão da sala de estar.

Ela estremeceu.

— Não, nada disso — respondeu Cassie. Pegou na caneca de vinho, embora não estivesse interessada em bebê-la. — Ele simplesmente morreu. Ali sentado. Como se fosse a hora dele.

Izzy anuiu com a cabeça, mas parecia desapontada.

— Foi o que os polícias disseram, pelo menos — refletiu Cassie. — Às vezes, as pessoas simplesmente morrem.

Izzy instalou-se mais confortavelmente no sofá, cruzando as pernas por baixo do corpo. Cassie bebeu um gole de vinho, e deixaram-se ficar em silêncio durante algum tempo.

— Olha para a neve — murmurou Izzy, olhando pela janela. Os edifícios do lado oposto da rua estavam quase escondidos pela tempestade. O vento parecia ter amainado, mas os flocos eram agora maiores e mais macios, caindo do céu lenta mas firmemente.

— É tão bonito — disse Cassie.

— O que é isso? — Izzy apontou para o caderno no colo de Cassie e esta passou-lho, explicando-lhe que tinha sido um presente.

— Cabedal — observou Izzy. Abriu o livro e folheou as páginas distraidamente. — Uau. Parece que um louco vomitou uma sopa de letras. Será que vale alguma coisa?

— Provavelmente, não — replicou Cassie, irritada por o primeiro pensamento de Izzy ter recaído no valor monetário. Não era esse o objetivo. — De qualquer forma, foi uma prenda.

— Acho que o Sr. Webber gostava de ti, Cassie — disse Izzy, com um sorriso malandro, devolvendo-lhe o livro.

— Deixa-te disso — protestou Cassie. — Não era nada disso. Ele era um homem simpático. E teve um gesto amável.

Izzy bebeu mais um gole de vinho, já com os olhos ligeiramente vidrados.

— Está bem. Não entremos numa fossa. Vá lá. Vamos pensar em coisas mais alegres.

— Tipo o quê? — perguntou Cassie, pousando a caneca na mesa. — Não posso beber isto, vou adormecer.

— Fracota — murmurou Izzy. — Fala-me de... fala-me do teu dia preferido.

— O quê? — Cassie sorriu, embora lhe tivesse vindo à memória o Jogo do Preferido. Jogavam-no muitas vezes na loja quando as coisas estavam calmas e não havia nada para fazer. Uma delas pedia à outra para falar sobre aquilo de que mais gostava: a refeição preferida, as férias preferidas, o pior encontro preferido. Era uma forma divertida de passarem o tempo.

— Fala-me do teu dia preferido — repetiu Izzy. — Qual foi o teu melhor dia de sempre?

Cassie pensou na pergunta, olhando pela janela para o mundo nevado, embalando o livro do Sr. Webber ao colo.

— Digo-te qual é que *não* foi o meu dia preferido — disse Izzy, interrompendo os pensamentos de Cassie. — Aquele dia na Greyhound.

— Oh, meu Deus! — gemeu Cassie, e sorriu, lembrando-se da viagem que ela e Izzy tinham feito à Florida alguns anos antes para visitar a prima de Izzy. As duas tinham passado quase vinte e quatro horas juntas numa camioneta Greyhound para Miami, alternando entre o terror e a hilaridade dos acontecimentos que tinham aguentado. — Lembras-te daquele homem que cheirava como se tivesse ido à casa de banho na camioneta sem sair do seu lugar?

— Oh, nem me lembres — disse Izzy, tapando a boca como se quisesse vomitar.

Cassie voltou a sua mente para dias melhores. Lembrava-se de dias em que era muito mais nova, dias na casa onde crescera, só ela e o avô, ou só ela e um livro, mas não falou disso. Essas memórias eram demasiado preciosas. Em vez disso, pensou nas viagens que tinha feito antes de se mudar para Nova Iorque, depois de o seu avô morrer. Tinha feito uma viagem à Europa sozinha, em parte, para fazer o luto e, em parte, para perceber o que queria fazer da vida. Durante um

ano, andou de mochila às costas de cidade em cidade, quase sempre sozinha, mas, de vez em quando, fazia amigos: um alemão giro em Paris, um jovem casal japonês em Londres. Havia um casal de lésbicas holandesas de meia-idade que conhecera em Roma e com quem viajara durante algumas semanas, porque pareciam pensar que ela era inocente e precisava de proteção. Cassie prometera manter-se em contacto com aquelas pessoas, mas nunca o chegou a fazer. Eram meros figurantes na sua vida. Embora estivessem perdidas para ela agora, aquelas pessoas e aqueles dias quentes e cheios de sol pela Europa contavam-se entre as suas memórias mais felizes.

— Lembro-me de quando estive em Veneza — disse Cassie.

— Ui, Veneza... Boa! — Izzy nunca tinha saído do país, mas falava muitas vezes em regressar a Itália, de onde a sua família era originária, falando disso da mesma maneira que as pessoas falam de sonhos que sabem que nunca se irão realizar.

— Eu estava alojada num *hostel* — disse Cassie. — E tinha o quarto só para mim. Não havia mais ninguém lá, não no início. Era gerido por um casal de meia-idade com filhos pequenos. Eles eram tão simpáticos. Não me consigo lembrar dos seus nomes agora... — Cassie pensou por um momento, procurando nas suas memórias, mas não encontrou nada. — Mas eles tratavam-me como uma filha.

Izzy inclinou a cabeça para o lado, apoiando-a nas costas do sofá enquanto ouvia.

— A rua onde eu estava — continuou Cassie — era estreita, empedrada, com todos aqueles edifícios amarelos e cor de laranja com grandes portas de madeira e janelas pequenas com portadas. Provavelmente, nunca mais a encontraria se lá voltasse. Bem, havia uma padaria do outro lado da rua, e eu dormia com as janelas abertas porque fazia muito calor.

— Hum, calor é bom — disse Izzy, parecendo sonolenta.

— E, de manhã, acordava com o cheiro do pão e dos bolos acabados de fazer. — Cassie suspirou com a lembrança. — Era o melhor cheiro do mundo. E conseguia ouvir os habitantes locais a falar e a rir quando se encontravam uns com os outros. O café ao fundo da rua

dispunha as mesas e as cadeiras na esplanada, fazendo uma grande algazarra com o metal, apesar de ser cedo, e todos os habitantes locais paravam para tomar um *cappuccino* a caminho do trabalho ou qualquer outra coisa.

— Quero ir a Itália — disse Izzy.

— Todos os dias, saltava da cama e descia as escadas a correr — continuou Cassie. — O edifício tinha uma porta de madeira, grande e velha. Abria-se e a padaria ficava mesmo em frente, e normalmente tinha uma fila de pessoas à espera para comprarem aquilo de que precisavam.

— Adoro pão — murmurou Izzy. — Não posso comer. Vai diretamente para as ancas. Mas adoro.

Cassie ignorou-a, apanhada na rede da sua própria memória por alguns instantes.

— Vou guardar isto — disse ela, apontando com a cabeça para o livro que ainda segurava. — E vou fazer um café ou qualquer outra coisa, senão adormeço antes de ti.

— Não tenho sono — disse Izzy, com a sua voz obviamente sonolenta. — É mentira.

Cassie sorriu e forçou-se a sair do sofá.

Estava a lembrar-se de Veneza outra vez, a pensar nos cafés que tinha bebido no café da esquina, no pão estaladiço que tinha comido ao pequeno-almoço e, quando alcançou a porta do corredor, sentiu um arrepio, um momento de estranheza em que o mundo pareceu ficar tenso e soltar-se dentro dela.

Depois, abriu a porta e deu por si a olhar para aquela pequena rua de Veneza, onde estivera nas férias, com a calçada empedrada, tranquila, escura e a reluzir à chuva.

## VENEZA

O cérebro de Cassie deu uma cambalhota para trás e perguntou-lhe que partida os seus olhos lhe estavam a pregar. Depois, a sua boca abriu-se, sem conseguir acreditar.

Havia um mundo onde deveria estar o corredor da sua casa. Havia ar fresco e humidade e o cheiro ligeiramente orvalhado e fresco de um lugar diferente. Havia escuridão, mas uma escuridão mais próxima da luz do que a escuridão nevada da cidade de Nova Iorque.

À sua frente, na padaria que tinha visitado durante aqueles dias em Veneza, uma luz acendeu-se, abrindo um buraco na noite chuvosa. Ela viu um homem a mover-se lá dentro, uma figura desfocada para lá da janela por onde a chuva escorria, e apercebeu-se de que não era uma fotografia que estava a ver. Estava tudo a mover-se, era real!

— Oh, meu Deus! — exclamou ela, abismada.

— Vais ou vens, querida? — perguntou Izzy, num mundo que ainda fazia sentido. — Fecha a porta! Está um vento uivante a subir por onde não deve.

— Izzy — disse Cassie, numa voz que parecia muito distante. — Anda cá. — Em Veneza, na padaria que não devia estar ali, o homem para lá do vidro tirava um casaco escuro e passava por uma porta nas traseiras da loja para o pendurar algures. — Vem cá, Izzy — disse Cassie novamente, com a voz estrangulada e apertada.

— O que é que se passa? — perguntou Izzy. — Oh, merda. Temos ratazanas outra vez?

Cassie não respondeu. Fechou os olhos, contou até três e voltou a abri-los. A rua ainda lá estava. A chuva, as pedras da calçada, o homem na padaria. Cassie viu agora que o céu não estava totalmente escuro, o dia ameaçava chegar, e uma voz distanciada no fundo da sua mente disse *Claro, a Itália está seis horas à frente de Nova Iorque. É de madrugada.*

No instante seguinte, Izzy estava ao lado dela. Cassie virou a cabeça para ver o modo como os olhos de Izzy se arregalaram, enquanto ela processava a mesma impossibilidade com que Cassie ainda se debatia.

— Estou a ter um AVC? — perguntou Izzy, num tom monótono.  
— Cassie, será que estou com uma moça do caraças?

— É impossível — articulou Cassie lentamente, sem responder à pergunta de Izzy. — É espantoso.

— Mas que merda é esta? — perguntou Izzy, com um suspiro de incompreensão.

— É Veneza! — exclamou Cassie. — É o sítio de que te tinha acabado de falar.

— Porque é que estás em minha casa? — perguntou Izzy, à beira da histeria. — Tenho de fazer chichi! Onde é a casa de banho?

Cassie largou o puxador da porta e estendeu a mão para a frente. Izzy agarrou-a.

— O que é que estás a fazer?

— O quê? — perguntou Cassie, em resposta.

Izzy soltou-a e ficaram ambas a ver Cassie esticar-se para a frente através da soleira da porta. Ela sentiu as cócegas de uma brisa, o pequeno beijo das gotas da chuva. Mexeu os dedos e depois virou a mão, com a palma para cima. Riu-se de incredulidade e prazer e puxou a mão de volta. Ela e Izzy inspecionaram-na com atenção.

— Chuva — disse Cassie, olhando para as gotículas na sua pele. — Senti a brisa — disse ela, sorrindo, voltando a olhar através da porta.

Era inacreditável. Outro lugar, uma cidade noutra país, do outro lado do oceano, estava mesmo ao passar da porta. A mente de Cassie mastigou essa ideia lentamente, como quem saboreia a sua refeição preferida.

— O que estás a dizer? — perguntou Izzy.

— Estou a dizer que a minha mão estava em Veneza — respondeu Cassie. — O meu corpo estava em Nova Iorque, mas a minha mão estava em Veneza?

Izzy parecia estupefacta.

— Como é que isto é possível? — perguntou Cassie a si própria num sussurro.

Olharam para a passagem em silêncio. Era impossível desviar o olhar. Do outro lado da rua, havia agora uma segunda pessoa na padaria, formas indistintas através da janela riscada pela chuva, como rabiscos no carvão.

— O que é que vamos fazer? — perguntou Izzy, e foi a primeira vez, pensou Cassie, que Izzy lhe soou insegura. Ela era sempre tão confiante, e tão óbvia quanto à sua confiança.

— Quero ir — murmurou Cassie.

— Ir? Ir para onde?

— Para Veneza — afirmou Cassie, gesticulando para o que estava à frente delas. Como é que ela podia não querer ir? Era outro lugar muito distante, um lugar que ela amava, e estava *mesmo ali*, mesmo à frente delas.

— Não podemos ir para Veneza! — Izzy ofegou. — Estou de pijama e meias. E tu... Não sei o que tens vestido, mas também não tens sapatos calçados.

— Tenho de saber que é real — disse Cassie, mal ouvindo os protestos de Izzy. Parecera real. E dera a sensação de ser real. — Põe lá a tua mão, Izzy. — Izzy olhou para o mundo para lá da porta com desconfiança. — Por favor — implorou Cassie. — Só quero ter a certeza de que não sou só eu, que não estou a alucinar.

Izzy benzeu-se — algo que Cassie só a tinha visto fazer uma vez, quando um peão tinha sido atropelado na rua, muitos anos antes — e depois estendeu a mão. Os seus dedos ultrapassaram o limiar da porta e Izzy semicerrou os olhos, como se estivesse à espera de sentir dor. Depois, a mão dela estava na rua que não devia estar ali, e Cassie levou as mãos aos lábios, ansiosa. Ela queria que fosse verdade, aquele

milagre, aquela impossibilidade. Ela queria acreditar que coisas como aquela podiam acontecer.

Então, Izzy riu-se de incredulidade.

— Está frio — disse ela. — Consigo sentir o ar.

— Sim — confirmou Cassie alegremente, encantada com o facto de Izzy também o sentir, de ser real. — E a chuva?

— Sim, e a chuva. — Ela agitou os dedos, tal como Cassie tinha feito, e depois puxou a mão para si para a inspecionar, abanando a cabeça.

Cassie queria atravessar a porta. Queria ir para Veneza. Ela não se assustou com o que viu; não havia nada a temer ali, apenas algo para admirar e apreciar.

— Não faças isso — disse Izzy, como se estivesse a ler a mente de Cassie. — E se não conseguires voltar? E se ficares presa em Veneza, à chuva, de meias e não conseguires voltar?

Cassie hesitou, a cautela de Izzy era uma âncora para a sua alegria, impedindo-a de ir.

— Eu tiro uma fotografia! — sugeriu Izzy. Meteu a mão no bolso do pijama e tirou o telemóvel para tirar uma fotografia da passagem e da rua. Depois, afastou-se e tirou mais algumas fotografias, mostrando Cassie em frente à porta. — Sorri! — disse Izzy.

Cassie sorriu distraidamente. Ela queria atravessar a porta. Era tudo o que queria.

— Espera aí. Vou gravar um vídeo — continuou Izzy. — Acena com as mãos ou algo do género. Começa.

Cassie levantou a mão livre para apontar para a porta.

— Parece Veneza — disse ela. — Onde devia estar o nosso corredor. — Depois escapou-lhe uma gargalhada ligeiramente maníaca. — É de loucos!

— Volta a pôr a mão lá dentro — instruiu Izzy.

Cassie inclinou-se para dentro da passagem, atravessando-a com a mão, e depois deu um passo e enfiou a cabeça.

— Cassie! — exclamou Izzy.

Cassie sentiu Izzy agarrá-la e puxá-la para trás.

— É mesmo real — disse Cassie. — Não posso acreditar.

— Já chega, isto agora está a assustar-me.

Antes que Cassie conseguisse responder, Izzy agarrou na porta e empurrou-a com força. A porta estremeceu na ombreira e as mulheres ficaram a olhar para ela em silêncio. Depois, Izzy virou a cabeça e encontrou os olhos de Cassie, fazendo-lhe uma pergunta. Cassie anuiu em silêncio e Izzy abriu a porta mais uma vez, revelando o corredor, o espaço estreito e estranho com as portas da casa de banho e dos quartos, e os casacos e sapatos à entrada do apartamento. A respiração de Cassie explodiu, e foi tomada, em ondas sucessivas, pelo alívio e pela desilusão.

Izzy olhou imediatamente para o telemóvel. Cassie aproximou-se, com as cabeças a tocarem-se, e olharam juntas para as fotografias que Izzy tinha tirado, para o vídeo de Cassie junto à porta e depois a inclinar-se para dentro — ou a inclinar-se para fora? — antes de Izzy dar um grito e o vídeo ser cortado.

— Como é que isto é possível? — interrogou-se Izzy.

Cassie parou à porta e pôs as mãos nas ancas, e foi apenas ao fazer esse movimento que reparou que ainda segurava o livro do Sr. Webber, mantivera-o na mão durante toda a milagrosa descoberta de Veneza no seu corredor. Levantou o livro, passando o polegar sobre a capa de pele castanha. Estava agora mais quente e pesado do que quando tinha pegado nele na livraria.

— É o livro — disse ela, enquanto examinava novamente o objeto. Não parecia apenas mais pesado, parecia mais *sólido*, como se agora houvesse mais substância entre as capas.

— Hã? — resmoneou Izzy.

— É o livro — repetiu Cassie. Passado um instante, sentou-se, pegou na caneca de vinho que ainda não tinha bebido e bebeu-a de uma só vez.

— Como assim, é o livro? — estranhou Izzy.

— O Livro das Portas — disse Cassie, folheando-o até à página inicial, lendo o que estava escrito antes da nota do Sr. Webber. — «Qualquer porta poderá ser uma porta qualquer.» Eu estava a pensar naquela

rua, na entrada daquela porta do lugar onde fiquei — disse Cassie. — Eu tinha o livro na mão e estava a pensar nela e depois senti...

Cassie estremeceu.

— Sentiste o quê? — perguntou Izzy.

— Senti-me estranha. E depois abri a porta e vi Veneza, ali. A Veneza em que eu estava a pensar. — Cassie sentiu a maravilha nascer dentro dela, como o melhor e mais belo nascer do sol de sempre. *Seria possível que...?*

Izzy ficou a olhar para ela, a absorver tudo aquilo. Depois disse:

— Estás doida? Achas que foi um livro que fez isso?

Cassie encolheu os ombros, com uma expressão que convidava a outras explicações.

— Eu sei que adoras livros, Cass, mas livros mágicos que te podem transportar para o outro lado do mundo?

— O Livro das Portas — proferiu Cassie, saboreando o som das palavras. Ela abriu o livro e folheou-o, parando com o dedo numa página aleatória. Era a página que vira antes, o esboço da porta com o quarto escuro e a janela com vista para as flores e para o sol. Desta vez, porém, não havia janela. Desta vez, através da porta desenhada, viu uma rua calcetada, a montra de uma padaria. Era a rua que ela tinha acabado de contemplar, e a boca de Cassie abriu-se em descrença. Ela folheou as páginas novamente, a tentar encontrar a imagem que tinha visto antes, mas não estava lá.

— O livro mudou — murmurou para si mesma, entusiasmada com tal revelação, entusiasmada com mais uma impossibilidade. Era quase como se o livro estivesse vivo ou a falar com ela. — Olha — disse ela a Izzy, segurando no livro e a sentir que começava a ficar histérica. — Olha para esta imagem! Antes era uma imagem diferente! Agora, parece-se com aquela rua!

Izzy pegou no livro e olhou para ele.

— É aquela rua, não é? — perguntou Cassie, precisando que Izzy confirmasse o que estava a ver.

— Pode ser — disse ela, com cautela, como se não quisesse admitir algo que era claramente impossível.

— Oh, vá lá — disse Cassie, pegando no livro e olhando para ele novamente. — É decididamente aquela rua. Mas antes era uma coisa diferente. Mudou.

A mente de Cassie rodopiou alguns instantes, todo o seu corpo estremeceu.

— Será magia?

— Um livro mágico — disse Izzy, levantando uma sobrancelha cética.

— Porque não? — perguntou Cassie. — Tu viste o que acabou de acontecer.

— Se tens tanta certeza de que foi o livro, faz outra vez. — Izzy fechou a porta do corredor e apontou para ela. — Vá lá, faz aparecer outra coisa.

Cassie pensou no assunto, capacitando-se de que queria fazer exatamente o que Izzy estava a exigir.

*Queria* voltar a abrir a porta para outro lugar.

*Queria* usar o estranho e maravilhoso livro.

Estava a atormentá-la, a oferecer-lhe algo de espantoso num mundo de tão pouco espanto.

— É melhor irmos buscar os nossos casacos — disse Cassie. — E é melhor ires fazer chichi primeiro.

## QUALQUER PORTA PODERÁ SER UMA PORTA QUALQUER...

Cassie Andrews trabalha numa livraria de Nova Iorque e leva uma vida calma. Até que, certo dia, recebe do seu cliente favorito um presente peculiar: um livro recheado de estranhos escritos e desenhos misteriosos. No frontispício, encontra uma dedicatória manuscrita dirigida a si própria e uma nota a explicar que está na posse do Livro das Portas.

O que não lhe é explicado é que este é um livro especial que confere poderes extraordinários a quem o possuir, mas Cassie não tarda a percebê-lo. Na companhia da sua amiga Izzy, começa a explorar as capacidades do livro, arrebatada pela possibilidade de viajar para qualquer lugar que consiga imaginar. Porém, as duas amigas rapidamente descobrem que o Livro das Portas não é o único livro mágico no mundo e que existem outros livros capazes de fazer coisas tão maravilhosas quanto terríveis...

De um momento para o outro, Cassie e Izzy veem-se perante pessoas impiedosas, dispostas a tudo para conseguirem o que querem, e o único que parece poder ajudá-las é Drummond Fox, um homem que há muito foge dos seus próprios demónios e que possui uma biblioteca de outros tantos livros com poderes especiais que precisa de manter em segurança.

«Uma viagem arrebatadora que abre portas para outros mundos, mas também para o âmago da experiência humana.»

*Kirkus Reviews*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897878459



9 789897 878459 >